

A Percepção feérica da criança sobre o mundo

Paulo Victor de Albuquerque Silva*

Resumo: Walter Benjamin (1892 – 1940), filósofo alemão e teórico crítico, é um dos gigantes do pensamento no século XX. Salientando asserções fundamentais do seu trabalho sobre a infância, este artigo pretende, primeiro, expor as suas reflexões sobre a relação entre os brinquedos e a criança, e como os dois conceitos estão relacionados à experiência da brincadeira, que é marcada pela construção e desconstrução. Além disso, procuramos refletir sobre como Benjamin apresenta conceitos que inserem a questão da educação no contexto do seu pensamento filosófico.

Palavras-chave: brinquedo, brincadeira, criança, faculdade mimética, educação

Abstract: Walter Benjamin (1892 – 1940), German philosopher and critical theorist, is one of the intellectual giants of the twentieth century. By highlighting major statements from his work on the childhood, this paper intends, first, to expose his reflections about the relationship between toys and children, and how both concepts are related to the experience of playing, which is characterized by construction and destruction. Moreover, it intends to reflect about how Benjamin presents concepts that insert education in the context of his philosophical thought.

Keywords: Brinquedo. Brincadeira. Criança. Faculdade Mimética. Educação.

1. Utilizando os destroços para a construção

Através da obra de Karl Gröber, *Kinderspielzeug aus alter Zeit* (Brinquedos infantis dos velhos tempos), Benjamin se depara com o modo de produção a que estavam dispostos os brinquedos europeus, que detinham a Alemanha como grande criadora de verdadeiras obras monumentais. Entre elas os soldadinhos de chumbo de Nuremberg, ou a mais antiga casa de

* Paulo Victor de Albuquerque Silva é Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará.

bonecas de que se tem notícia, advinda de Munique. Quando referido especificamente aos soldadinhos de chumbo sua fabricação floresce tardiamente em Berlim. No século XVIII os comerciantes de ferragens eram responsáveis pela comercialização no sul da Alemanha, fato diretamente relacionado à futura produção desses brinquedos influenciados pela rigorosa especialização comercial. “Seus precursores são, por um lado, os vendedores de artigos de marcenaria, assim como os vendedores de ferragens, papéis e enfeites; por outro lado, os mascates de cidades e feiras.”¹ (BENJAMIN, 2009, p: 82). Já os séculos XIX e XX foram acompanhados pelo aumento da fabricação em massa de brinquedos, sendo sempre seguidos de perto por psicólogos e pedagogos, preocupados em desenvolver uma melhor forma de aprendizagem para as crianças através da utilização do brinquedo, como sendo o determinante da brincadeira. Mas nem sempre foi assim!

As primeiras fabricações de brinquedos não se davam de forma especializada dentro de indústrias, pelo contrário, eram produzidas em oficinas de entalhadores de madeira, e de fundidores de estanho. Essa forma de produção mantinha uma relação direta entre o produtor, o brinquedo e a criança. Mais tarde, com o avanço da industrialização, que ocasionou o aumento da especificidade do trabalho, a fabricação ocorria em diversos setores com atividades simples, multiplicando os custos da produção juntamente com o preço dos produtos. Com o aumento da produção e o surgimento de brinquedos cada vez mais exuberantes, o criador autônomo se vê perdido em meio à fumaça das grandes fábricas, esta neblina que embaça as sete cores do arco Iris da criação artesã:

O estilo e a beleza das peças mais antigas explicam-se pela circunstância de que o brinquedo representava antigamente um produto secundário das diversas indústrias manufatureiras, as quais, restringidas pelos estatutos corporativos, só podiam fabricar aquilo que competia a seu ramo²(Benjamin, 2009, p.90).

Anteriormente à expansão industrial do século XIX, os brinquedos não eram resultados de uma produção técnica especializada em um único ramo, sua presença secundária abria margem à criação artesã para além do

¹Walter Benjamin, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2009. p. 90.

²Idem. Ibidem, p. 90.

movimento mercadológico.

O mundo lúdico dos brinquedos germinava nas diversas áreas do trabalho humano enquanto uma força onírica do adulto que servia de fuga as exigências funcionais da indústria. Desta forma, podiam ser encontrados animais feitos de madeira pelo carpinteiro, figurinhas moldadas pelo doce do confeitoiro, belas bonecas de cera construídas pelos fabricantes de velas, ou até mesmo os soldadinhos de chumbo ocasionados pelas fôrmas do caldeireiro, obras provenientes do mais profundo desejo infantil de um novo contato com os objetos do real, íntima vontade de nosso ser que às vezes brilha com maior ou menor intensidade. A partir de então surgem os exportadores de brinquedos que reuniam esses objetos das manufaturas e das indústrias domésticas da cidade para serem difundidos no pequeno comércio, iniciando aos poucos sua venda especializada. Neste mesmo período os artistas construtores de obras religiosas se vêem encurralados pela investida da Reforma Protestante, orientando, a partir de então, uma produção dirigida a objetos artesanais em miniaturas, que serviam tanto para a alegria das crianças quanto para o deleite dos adultos em sua decoração doméstica. Através da maior comercialização esses projetos lúdicos do trabalho chocam-se não somente com as crianças como também com os adultos, que por vezes ao presentear seus filhos encontram-se absorvidos em meio a este novo ente que se revela ao sair de uma caixa mágica. Essa distração do adulto sobre o brinquedo não é para Benjamin um retorno à remota vida infantil, mas antes uma libertação das ofensivas do real.

Não se trata de uma regressão maciça à vida infantil quando o adulto se vê tomado por um tal ímpeto de brincar. Não há dúvida que brincar significa sempre libertação. Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê acossado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada. A banalização de uma existência insuportável contribuiu consideravelmente para o crescente interesse que jogos e livros infantis passaram a despertar após o final da guerra.³ (BENJAMIN, 2009, p: 85).

É característico da segunda metade do século XIX o crescente aumento dos brinquedos acompanhados de perto pelo fraquejar da produção

³Idem. Ibidem, p. 85.

minúscula com seus elementos discretos e sonhadores. A partir de então as crianças passam a ganhar o seu próprio quarto de brinquedos, onde até mesmo as estantes de livros começam a ser divididas entre as obras infantis e as adultas. Enquanto pequeninas criações, estes elementos demandavam uma maior presença dos pais perante suas crias em uma relação de grande intimidade. Após o seu aumento com o surgimento dos volumes “in quarto”, percebe-se o distanciamento maternal e paternal desta nova atmosfera infantil sobreposta pelos novos brinquedos que preenchiam com o seu tamanho o espaço vazio deixado pela família. O brinquedo se desvencilha das mãos dos pequenos artesãos e filia-se ao processo de industrialização avançada, seu distanciamento é tamanho que até mesmo as famílias perdem o seu controle. Desta maneira as residências do século XIX passam a ser invadidas por entidades estrangeiras até então desconhecidas da experiência adulta e infantil.

Ao falar de brinquedos, também questionamos o formato pelo qual estes foram feitos, pois isto nos revela de que modo se expressa a produção, e qual seria o seu intuito. De início, pode-se perceber, com o avanço da industrialização, o aumento físico ao qual foram submetidos os brinquedos, a procura de serem impactantes não só em relação às crianças, mas principalmente aos pais. A matéria prima do qual eram feitos, o modo como eram produzidos nas fábricas, causam estranhamento às crianças, por não compreenderem de que modo se dava o processo produtivo. Nas mãos de um carpinteiro que transforma madeira em bonecos, a criança detinha ciência sobre o processo produtivo, entrando em uma relação tanto com a técnica de produção como também com o material utilizado, possibilitando a ela a criação futura de novos brinquedos através dos recursos naturais que estão disponíveis ao seu manuseio. A simplicidade existente nos brinquedos não está no material ou na forma como estes são produzidos, mas se encontra nas etapas do processo de fabricação. Não podemos avaliar a simplicidade do brinquedo através de considerações abstratas, como também não podemos julgar baseando-nos no modo como o objeto foi produzido. Devemos nos deter apenas à compreensão do método produtivo, ou seja, à técnica diretamente utilizada. Ao sair das nebulosas fábricas, o brinquedo, que estava escondido, ofuscado, oculto ao culto infantil, de repente se revela nas vitrines das lojas,

tendo como criador algum tipo de fada, que por sua vez nunca se mostra, mas que torna o brinquedo uma coisa totalmente estranha aos pais e filhos.

A arte popular que detém como uma de suas expressões culturais a fabricação de brinquedos caracteriza-se pela concordância da técnica refinada com materiais preciosos juntamente a técnica primitiva com seus materiais simples. Desta forma germinam nas aldeias russas bonecas talhadas em madeira, todas inspiradas em modelos feitos de porcelana advindas das grandes manufaturas czaristas. Partindo desse fenômeno histórico, Benjamin ressalta a falsa noção de alguns estudiosos em adequar a ideia de primitivo – em todas suas circunstâncias ao que há de mais antigo, ressaltando em contrapartida que por vezes a chamada arte popular nada mais é do que os resquícios expelidos pelos bens culturais de uma classe dominante, que ao serem absorvidos por uma coletividade mais ampla, se renovam. “Quem tiver vontade de ver a caricatura do capital mercantil, precisa pensar apenas em uma loja de brinquedos tal como era típica até cinco anos atrás e que até hoje continua sendo a regra nas pequenas cidades.”⁴ (BENJAMIN, 2009, p: 98). Pode-se dizer que o aumento substancial dos brinquedos é a expressão de insegurança a qual está subordinado o burguês face à incógnita que é o mundo infantil, cabendo a Gröber o reconhecimento do condicionamento do brinquedo a uma “cultura econômica”, assim como a uma “cultura técnica das coletividades”.

Benjamin pôde acompanhar de perto o crepúsculo dessas pequenas indústrias domésticas no final do século XIX. Descrevendo com uma enorme amargura o progressivo desaparecimento dos brinquedos talhados em madeira, já que para o nosso autor a madeira é o melhor entre todos os materiais para o jogo, pois ela tanto é resistente bem como mais facilmente assimila as cores. E aqui nos deparamos com um ponto crucial da constituição plástica do brinquedo, o momento de seu encontro profano com a criança que brinca. A estrutura do brinquedo deve ser propícia para o ato de jogar, todos os seus elementos devem estar dispostos ao manuseio feérico do pequeno ser – o alquimista somente gera o ouro com a fusão de substâncias corretas, da mesma forma o é a criança – daí os principais aspectos do brinquedo, a sua técnica e o seu material. Podemos afirmar a dual relação entre o pequenino e o

⁴Idem. Ibidem, p. 98.

seu objeto de diversão: de um lado, a presença heterogênea dos mais diversos subsídios facilmente assimiláveis ao jogo, como pedras, madeira, papel, argila; por outro, um único e simples elemento que em sua finitude abre-se a uma flexibilidade de possibilidades infinitas. Literalmente a matéria é posta à deriva no turbulento mar do pensamento infantil. Todos os brinquedos construídos com uma frágil matéria prima, onde o seu único intuito é a admiração visual, são projetos de satisfação adulta, distantes do mundo acriançado.

E ao imaginar para crianças bonecas de bétula ou de palha, um berço de vidro ou navios de estanho, os adultos estão na verdade interpretando a seu modo a sensibilidade infantil. Madeira, ossos, tecidos, argila, representam nesse microcosmo os materiais mais importantes, e todos eles já eram utilizados em tempos patriarcais, quando o brinquedo era ainda a peça do processo de produção que ligava pais e filhos. Mais tarde vieram os metais, vidro, papel e até mesmo o alabastro. O busto de alabastro, celebrado pelos poetas do século XVII, somente as bonecas o possuíam e quase sempre tiveram de pagar esse luxo com sua frágil existência.⁵ (BENJAMIN, 2009, p: 92 – 93).

Para Walter Benjamin a procura incessante pela produção de objetos, sejam materiais ilustrados, brinquedos ou livros, que mais sirvam para o mundo infantil, é incoerente, já que desde o surgimento do Iluminismo esta se tornou uma das preocupações mais presentes entre os pedagogos. Ao se debruçarem sobre a psicologia das crianças, esses estudiosos foram incapazes de perceber que a própria Terra dispõe dos mais ricos materiais para a construção do jogo, e que a simplicidade é aliada dessa comunhão. Nada mais se torna necessário às crianças do que as ruínas construídas pelo mundo, locais de fácil mobilidade manual tanto para desconstrução quanto para construção criativa, pois a inventividade infantil não está somente na edificação de novos projetos, como também está na desestruturação de planejamentos, ela é o supremo mestre em desfazer o estabelecido. Nos detritos a criança reconhece o tesouro que o mundo tem a lhe oferecer, e através desses fragmentos cria suas brincadeiras, tornando tais materiais pertencentes ao universo adulto e dotados de significado, em brinquedos alegóricos frutos de uma nova relação de um devir imaginativo e incoerente. “Mas há algo que não pode ser esquecido: jamais são os adultos que executam a correção mais

⁵Idem. Ibidem, p. 92 – 93.

eficaz dos brinquedos – sejam eles pedagogos, fabricantes ou literatos –, mas as crianças mesmas, no próprio ato de brincar.”⁶ (BENJAMIN, 2009, p: 87). Desta forma, o brinquedo pode ser qualquer objeto disposto ao manuseio infantil no ato de jogar, daí o motivo de no conto de fadas do “Soldadinho de chumbo” de Andersen⁷ estes objetos lúdicos somente ganharem vida no quarto de crianças.

2. A faculdade mimética como forma de diálogo

Se nos tornou evidente a importância do brinquedo em meio ao universo infantil, seja esse objeto as coisas dispostas ao manuseio, bem como o próprio corpo da criança transformando-se em um elemento do brincar. Este mundo fabuloso não se constitui isoladamente de forma excludente, ao invés disso ele atrai as coisas ao seu encontro - assim como faz o “primeiro motor” aristotélico, sendo a única diferença entre ambos de que, por sua vez, o “primeiro motor humano” (a criança) atrai as coisas através do amor que ela possui a esse novo mundo fenomênico que se lhe apresenta.⁸ A causa da aproximação entre esses dois mundos poderia ser reconhecida pelo nome de “força gravitacional”; mas não, Benjamin percebeu que a relação do “mundo das coisas” (o real) e o “mundo da criança” (lúdico) não se manifesta a partir de uma relação de forças, mas que ao invés disso surge simplesmente por meio da imitação.

Imitar é o mesmo que reproduzir, copiar, repetir, e a própria natureza germina em seu cerne o frutífero dom da semelhança enquanto uma potência afirmadora capaz de produzir o prosseguimento da vida. “Mas é o homem que tem a capacidade suprema de produzir semelhanças. Na verdade, talvez não haja nenhuma de suas funções superiores que não seja decisivamente co-determinada pela faculdade mimética.”⁹ (BENJAMIN, 1996, p: 108). A capacidade mimética não está presente somente na espécie animal humana,

⁶Idem. Ibidem, p. 87.

⁷Hans Christian Andersen (1805 – 1875) foi um escritor dinamarquês de histórias infantis.

⁸Aristóteles desenvolve a ideia do primeiro motor para defender o fundamento responsável pelo movimento de toda *physis*, sendo de seu feitio a imobilidade, animando todas as coisas pelo poder de atração, assim como um amado atrai seus amantes. In: (Met. XII, 1, 1069a 30).

⁹BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 108.

ela pode ser percebida nos mais diversos tipos de seres vivos, que a partir da imitação relacionam-se com o mundo de forma a apreender os aspectos do meio ambiental para a maior asseveração de sua sobrevivência. Podemos afirmar que não haveria de ser diferente com nossa classe, e que todas as demais faculdades pertencentes ao homem somente surgiriam conjuntamente, ao lado da “faculdade mimética”, e não independentes dela, pois a partir desta é que se pôde originar todo pensar e agir humanos. A mimesis é o fundamento de todo e qualquer conhecimento, ela faz com que nos relacionemos com o real não somente enquanto uma instância da sensibilidade, mas ao seu rico campo da afetividade, no momento em que estabelece uma ligação de semelhança e unidade entre o homem e o mundo, daí a explicação de podermos nos comunicar até mesmo com estrelas, apesar da distância espacial e formal entre ambos.

Esta faculdade essencial para a formação do ser humano tem sua importância em dois sentidos, tanto filogenético quanto ontogenético. Para que se exerça a constituição do homem em sua totalidade, primeiramente, parte-se de sua experiência vivida em sua infância, já que esse seria o seu primeiro contato com o mundo. Como nos é sabido, esse choque afetivo entre estes dois mundos (das coisas e o infantil) é determinado pelo poder da imitação – a ciência foi capaz de perceber que a capacidade da força gravitacional se desempenha com mais facilidade no vácuo, nele o magnetismo entre os planetas torna-se uma constante. Tendo como exemplo esse fato cosmológico: Qual seria, pois, o melhor plano, ou superfície para uma possível estabilidade da manifestação atrativa da faculdade mimética na infância? Ora caro leitor, se academicamente não posso me dirigir a vossa senhoria diretamente por questões convencionais, nada disso me impede de lhe revelar a maneira pela qual a criança movimentava diretamente estes dois mundos, onde a superfície escolhida para essa oscilação não é plana nem lisa, não é curva ou achatada, ela mais parece com um vácuo, só que um vácuo colorido chamado de brincadeira.

Os jogos infantis são impregnados de comportamentos miméticos, que não se limitam de modo algum à imitação de pessoas. A criança não brinca apenas de ser comerciante ou professor, mas também moinho de vento ou trem. A questão importante, contudo, é saber qual a utilidade para a criança desse adestramento da atitude

mimética.¹⁰ (BENJAMIN, 1996, p: 108).

O fio condutor entre a brincadeira infantil e o mundo fenomênico é a faculdade mimética. Até então compreendemos de que forma se dá sua ligação com o real, permanecendo em aberto uma maior explanação acerca do acontecimento lúdico. Sobre tal assunto Benjamin expõe a “teoria gestáltica dos gestos lúdicos”, abordada em 18 de maio de 1928 pelo autor Willy Haas no jornal *Die LiterarischeWelt*(O mundo literário).¹¹ Nela são apresentadas três manifestações do comportamento lúdico infantil: a primeira seria a do “gato e rato”, caracterizada pelas brincadeiras de perseguição; a segunda se chama “a fêmea que defende o seu ninho com filhotes”, marcada pelos jogos que exigem a defesa de algo, como no caso do goleiro, por exemplo; por fim, “a luta entre animais” tanto pela presa, quanto pelo osso, bem como pelo objeto sexual, podendo ser este objeto específico uma bola de futebol, por exemplo. Para Benjamin tal estudo seria precário, pois excluiria uma averiguação acerca do que ele chama de “enigmática dualidade” existente entre o bastão e o arco, pião e fieira, bola e taco, todos característicos por um magnetismo que os une. A brincadeira desperta um choque vivo entre objetos inanimados, gerando o prelúdio de uma experiência simples para outras mais complexas no desenrolar da existência, em um jogo de sentimentos que acompanham, não os objetos em si, mas as próprias crianças que os manuseiam.

(...) antes de penetrarmos, pelo arrebatamento do amor, a existência e o ritmo frequentemente hostil e não mais vulnerável de um ser estranho, nós já teremos vivenciado desde muito cedo a experiência com ritmos primordiais, os quais se manifestam, nas formas mais simples, em tais jogos com objetos inanimados. Ou melhor, é exatamente através desses ritmos que pela primeira vez nos tornamos senhores de nós mesmos.¹² (BENJAMIN, 2009, p: 100 – 101)

Outro aspecto não avaliado pelo estudo gestáltico de Willy Haas relativo ao comportamento lúdico refere-se a “lei da repetição”, intrinsecamente relacionada à educação infantil. “Sabemos que para a criança ela é a alma do

¹⁰Idem. Ibidem, p. 108.

¹¹Die LiterarischeWelt (O mundo literário) foi um jornal no qual Walter Benjamin publicara alguns de seus trabalhos.

¹²BENJAMIN Walter, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 100 – 101.

jogo; que nada a torna mais feliz do que o 'mais uma vez'.”¹³ (BENJAMIN, 2009, p: 101). A repetição é a essência da brincadeira, em nossa primeira fase da vida o jogo se porta como que uma máquina industrial de reprodução sem fim, onde seu ritmo é ditado não pelo aparelho em si, mas pelo condutor que a manuseia. Esse movimento de engrenagens sempre circular permite às crianças um maior contado estético com as manifestações do real, através de uma experiência similar e original que alavanca gradativamente ao pequeno ser um maior controle sobre si mesmo. O adulto, para sustentar uma alegria ou murchar suas tristezas, narra suas experiências repetidamente, e com a criança não haveria de ser diferente, mas ela, ao invés de falar, passa a copiar corporalmente. Sempre de novo, tudo de novo, a criança brinca o seu velho jogo; sobre este ato existe um relato, a repetição transforma-se em hábito.

O hábito é o resultado direto da soma jogo mais repetição, não necessariamente nessa posição, já que a ordem dos fatores não altera o produto. “Pois é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito.” ¹⁴ (BENJAMIN, 2009, p: 102). Percebe-se assim, que mesmo os hábitos mais cristalizados na alma–corpo-história de um ser humano, guardam em sua origem as marcas de uma inocente e bucólica brincadeira infantil. Daí se concluir que a educação infantil não se estrutura pura e simplesmente através de uma interlocução de idéias referentes a valores éticos, políticos e culturais, por exemplo – a educação inicia-se, antes de mais nada, sob um viés estético de intra-relações corpo e mundo.

Neste mundo fantástico da criança todas as coisas germinam novos estereótipos, por isso o hábito brota da repetição. Já a repetição floresce na brincadeira, e essa ultima é co-determinada pela faculdade mimética. Se retornarmos à questão mimética, Walter Benjamin ainda irá ressaltar:

Deve-se refletir ainda que nem as forças miméticas nem as coisas miméticas, seu objeto, permaneceram as mesmas no curso do tempo; que com a passagem dos séculos a energia mimética, e com ela o dom da apreensão mimética, abandonou certos espaços, talvez ocupando outros.¹⁵ (BENJAMIN, 1996, p: 109).

¹³Idem. Ibidem, p. 101.

¹⁴Idem. Ibidem, p. 102.

¹⁵BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 109.

Baseando-nos nessa citação de Benjamin podemos admitir que as “forças miméticas” referem-se às crianças, e que as “coisas miméticas” seriam os aspectos consequentemente inorgânicos.

3. Para além do que se vê: o olhar feérico doador de sentido

A produção primitiva de brinquedos foi suprimida, e em seu lugar se encontram objetos industrializados que emanam uma falsa simplicidade. As crianças não entram mais em contato com o modo de fabricação, e os pais, pedagogos e psicólogos acreditam que podem ser os determinantes das brincadeiras infantis, estabelecendo quais brinquedos devem ser utilizados, ou criados, o que é totalmente incoerente, já que todas as necessidades as quais afirmam pertencerem às crianças fazem parte apenas da própria necessidade dos adultos, em busca de satisfazer seus desejos obscuros. A indústria cria brinquedos exuberantes, enquanto pensa consigo: - “deixe-me ver do que as crianças irão brincar hoje?”, fazendo estudos altamente rigorosos de como ela pode determinar a brincadeira infantil através de sua “mágica” criação. E mal ela sabe que existe um mágico muito poderoso, que com um simples movimento das mãos pode dar vida à brincadeira como um todo. Esse mago zomba dos poderes das fadas, pois de instrumentos simples ele cria sua mágica. Da madeira e da terra ele faz seu feitiço, construindo um mundo cheio de artifícios. Neste mundo feérico reina a pujança. Quem será este mago se não a criança? O determinante da brincadeira não são os brinquedos, mas sim as crianças. Os adultos presenteiam as crianças com tais objetos, mas é somente em suas mãos que o brinquedo se torna aliado da brincadeira, através de seu poder imaginário. Muitos brinquedos primitivos (bolas, rodas de penas, papagaios) eram postos aos pequeninos como objetos de cultos religiosos, e foi somente através deles que se tornaram brinquedos. Estas criaturas são criadoras por excelência, não necessitando de brinquedos complexos, ou luxuosos, mas apenas de materiais simples, onde ela possa construir e desconstruir a seu modo¹⁶.

¹⁶ Acerca do capitalismo afirmará Olgária Matos: “O capitalismo é uma religião profana, pois tem seus objetos de contemplação e de desejo – as mercadorias e suas imagens – e a libido – que está em toda parte, exceto na sexualidade, como já o notara Barthes. Isto significa que a

É que as crianças são especialmente inclinadas a buscarem todo local de trabalho onde a atuação sobre as coisas se processa de maneira visível. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos detritos que se originam da construção, do trabalho no jardim ou em casa, da atividade do alfaiate ou do marceneiro. Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas. Neles, estão menos empenhadas em reproduzir as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma relação nova e incoerente. Com isso as crianças formam o seu próprio mundo de coisas, um pequeno mundo inserido no grande. Dever-se-ia ter sempre em vista as normas desse pequeno mundo quando se deseja criar premeditadamente para crianças e não se prefere deixar que a própria atividade – encontre por si mesma o caminho até elas.¹⁷ (BENJAMIN, 2009, p: 103 – 104)

A criança faz de qualquer material um brinquedo. Ela não está preocupada em saber qual seria o brinquedo mais necessário para seu jogo, mas apenas se tem disponível o material que possibilite a desenvoltura de sua prática. São os adultos que procuram produzir brinquedos em vista de uma determinada praticidade, debilitando a possibilidade do desafio infantil na construção do próprio jogo. Através da brincadeira, a criança comunica-se e educa o mundo a sua maneira. “Há, portanto, um grande equívoco na suposição de que são simplesmente as próprias crianças, movidas pelas suas necessidades, que determinam todos os brinquedos.”¹⁸ (BENJAMIN, 2009, p: 96 – 97). A produção desenfreada, ao qual estamos expostos diariamente, através da fabricação de brinquedos de tamanhos e formas diversos em vista do lucro exacerbado, não tem nenhuma ligação com a criança, mas são apenas a busca de satisfação dos desejos burgueses.

O personagem Gepeto é um exemplo deste fato que estamos tratando. Apesar de sua avançada idade, não tinha filhos, nem amigos, e para suprimir este vazio, decidiu criar um boneco que lhe fizesse companhia, e a este deu o nome de Pinóquio. Gepeto com seu espírito lúdico brincava com Pinóquio sendo muito feliz ao lado do companheiro, fazendo de seu jogo algo

tecnologia da sensualidade está a serviço da ‘estética da mercadoria’, estética que deve produzir fascinação, que arrebate as sensações dos ‘indivíduos’ assim mobilizados.” MATOS, Olgária. *Benjaminianas*. 2010. p. 122. Do mesmo modo que as crianças detiveram a capacidade de transformar os objetos de culto religioso em entidades lúdicas, podemos inferir sua habilidade na decomposição-reconstrutiva das cultuadas mercadorias da profana religião capitalista.

¹⁷BENJAMIN Walter, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2009, p. 103 – 104.

¹⁸Idem. *Ibidem*, p. 96 – 97.

próprio, tendo seu amigo como um depósito em que despojava a seiva de seu imaginário, até que um dia a fada, procurando recompensar Gepeto por sua bondade e caridade perante os habitantes de sua cidade, através da construção de bonecos de madeira, decide dar vida ao boneco Pinóquio. Que outra coisa não faz a “fada indústria” do que tentar compensar a criança dando vida aos brinquedos? Desta maneira, procura-se gerar a encarnação de falsas almas aos brinquedos com o intuito de que estes se assemelhem mais e mais com os entes desejados, a fim de que tenham uma importância determinante no cerne da brincadeira. Mas dirá Benjamin: “Pois quanto mais atraentes, no sentido corrente, são os brinquedos, mais se distanciam dos instrumentos de brincar; quanto mais ilimitadamente a imitação se manifesta neles, tanto mais se desviam da brincadeira viva.”¹⁹ (BENJAMIN, 2009, p: 93). O brinquedo que copia restringe todas as potencialidades do desafio infantil de pensar a brincadeira. Mas o mago poderoso da terra do nunca não se prende nas garras da “fada indústria”. Seu pensamento voa sem precisar do pó da fada Sininho, para além da fumaça de chaminés das indústrias e seus vizinhos, derrotando os piratas nas curvas da estrada, a ele e aos seus companheiros não lhe falta mais nada.

O processo germinativo ocasionado pela criança no florescer da brincadeira, não se gera ao acaso, através de um enclausuramento de quem brinca, ou o emudecimento da dicção infantil. O agrupamento desses jogadores não se estrutura de forma autônoma e isolada, pelo contrário, ela é pertencente a uma classe social específica, refletindo através de seu brinquedo e sua brincadeira os apelos de sua comunidade mediante um “diálogo simbólico” entre ambos, a criança e o seu povo.

Pois se a criança não é nenhum Robinson Crusoé, assim também as crianças não constroem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo.²⁰ (BENJAMIN, 2009, p: 94)

A “criança proletária”, como afirma Benjamin, não nasce dentro de uma família, mas é prole de sua classe social, devendo ter uma educação

¹⁹Idem. Ibidem, p. 93.

²⁰Idem. Ibidem, p. 94.

voltada às necessidades burguesas, para que possa agir adequadamente de acordo com os deveres de sua situação da classe a que pertence. Elas não passam por um processo doutrinário educacional, que possibilite a estas uma visão para além dos muros das grandes fábricas do sistema. A criança desde o ventre da mãe já está condicionada como pertencente a uma determinada classe social, sendo repreendida tanto nas relações do dia a dia quanto na escola, para que obtenha uma consciência de sua condição, ou seja, uma “consciência de classe”. Na brincadeira, a infância comunica com o mundo seus desejos, a seu modo, através de signos. E mesmo que os adultos tentem emudecê-la, na procura de determinar sua brincadeira, ela irá revelar o quão limitado é a linguagem destes homens, criando seu próprio idioma através dos restos, dos destroços do mundo, que se tornam letras para o vocabulário infantil.

Mal entra ela na vida e já é caçador. Caça os espíritos cujos vestírios fareja nas coisas; entre espíritos e coisas transcorrem-lhe anos, durante os quais o seu campo visual permanece livre de seres humanos. Sucede-lhes como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vem ao seu encontro, se passa com ela. Os seus anos de nômade são horas passadas na floresta de sonhos. De lá ela arrasta a presa para casa, para limpá-la, consolidá-la, desenfeitiçá-la.²¹ (BENJAMIN, 2009, p: 107)

Os objetos artificiais ou naturais estão dispostos sobre o mundo, seja por construção visando uma finalidade específica, ou mesmo a partir da doação de um sentido a algo já existente, para que sirvam à utilidade prática existencial humana. Por meio do olhar feérico transplantado na brincadeira à criança, nova entidade que surge em meio a um mundo forjado pela humanidade, detém potencialidades únicas para a constituição de novos sentidos aos objetos fenomênicos. Onde tudo parece determinado, estabelecido, ela perfura intimamente, como um ácido corroendo todo o aspecto da coisa vigente, e compondo em seu lugar sua jovialidade simbólica, que não é sagrada, mas simplesmente infantil. Invocando os quatro elementos, esse mago nos convida a criar novos costumes no eterno jogo da vida. Procurando novos versos para fazer a sua rima, canta as alegrias e tristezas de todo aquele que brinca.

²¹Idem. Ibidem, p. 107.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Metafísica*. In: livro XII. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Passagens*. Tradução de Irene Aron. Tradução do francês de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Tradução de Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2009.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Tradução de Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

MATOS, Chain Féres Matos. *Benjaminianas: Cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Tradução de Lilyane Deroche-Gurgel. Tradução de Vera de Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Difel, 2010.